

MEUS ENCONTROS COM PAULO FREIRE

Paulo de Tarso Santos

— Perdão Ministro, mas o Sr. sabe o que está falando?

Foi esta a resposta que me deu Paulo Freire quando eu, Ministro da Educação do Governo Goulart, o convidei a vir para Brasília, com o fim de coordenar, a nível nacional, seu programa de educação popular. Tal programa se tornara conhecido no nordeste, a partir do Projeto Angicos, no Rio Grande do Norte.

Convém salientar que embora tímido, em relação ao pensamento posterior de Paulo Freire, esse primeiro projeto foi tratado pelo "O Globo", em matéria assinada pelo jornalista Carlos Swann, como um "programa intensivo de comunização do nordeste".

Nessa época, quem defendeu Paulo Freire foi nada menos que o Diretor Interino da "Agency for International Development" - James W. Howe. Este diplomata afirmou, na ocasião, que "o Projeto Angicos, no Rio Grande do Norte, estava longe de ser uma campanha maciça de alfabetização..." "já que atingia apenas cerca de 300 adultos".

Mas na verdade o que eu propus a Paulo Freire, como Ministro da Educação, foi realmente uma ampliação, a nível nacional, da experiência de Angicos. O objetivo era a multiplicação, por todo o país, dos chamados "Centros de Cultura", a partir de uma experiência piloto que deveria abranger toda a população analfabeta de Brasília.

De início, criou-se uma "Comissão Nacional de Cultura Popular" (portaria 195, de 08/07/63), com a incumbência de formular um "Plano Nacional de Alfabetização". E para desenvolver experiências coordenadas de alfabetização, na capital da República, foi criada uma "Comissão Regional de Cultura Popular do Distrito Federal" (Portaria 235, de 29/07/63).

Mas convém voltar à carta do Sr. Howe, para localizar indicações que assinalam a evolução de Paulo Freire, de Angicos até à sistemática formulação da "Pedagogia do Oprimido".

Vejamos tópicos do texto, dirigido ao jornalista Swann, por quem era, naquela ocasião, membro da Embaixada dos Estados Unidos:-

"Sua coluna pode levar alguém à conclusão de que ensinar pessoas a ler é ruim porque as leva à doutrinação..."

"Em realidade, o método Paulo Freire, como qualquer outra técnica de ensino não política prepararia o indivíduo para ser influenciado por qualquer escola de pensamento político".

Aqui as afirmações do funcionário norte-americano, sobre a experiência embrionária "freiriana", viriam chocar-se frontalmente com a evolução posterior por que passou essa pedagogia. São muitas as evidências dessa transformação que deu ênfase a aspectos já implícitos nos primeiros projetos.

Por exemplo, Paulo Freire sempre insistiu em que não existe "técnica de ensino não política". E isso porque as técnicas assim rotuladas, na verdade correspondem a manifestações "conservadoras", que indicam a solidariedade da escola com as demais instituições, em suas respectivas sociedades.

Além disso, Paulo Freire caminhou não para uma pedagogia dos homens em geral, fora de qualquer contexto social. Sua meta sempre foi a de formular uma pedagogia do oprimido, num contexto de convivência em sociedade.

Mas meus encontros com Paulo, no exílio chileno, no Brasil post-exílio, ou na Europa, levam a outras perspectivas de análise de seu pensamento educacional, que eu pude acompanhar de perto, em múltiplas experiências.

Em Brasília vivemos juntos a emoção de participar dos primeiros Círculos de Cultura, realizados nas cidades satélites como o Gama e Sobradinho. Lembro-me bem da seleção das palavras que continham fonemas e sílabas relacionadas com as condições de vida do grupo. Assistimos, Paulo Freire e eu, acompanhados de uma equipe do Ministério, a



uma discussão sobre a palavra Tijolo apresentada aos participantes por um quadro representativo do trabalho de pedreiro.

Vivemos uma impressão, ainda hoje muito presente em minha memória, quando um candango, observando o quadro e a palavra - chave Tijolo foi capaz de compor uma nova junção de sílabas, concatenando a frase "Tu-Ja-Le".

No Chile, estive com Paulo Freire no "Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária (ICIRA)". Ambos éramos técnicos da FAO e trabalhávamos com "contra-partes" chilenos, no processo de reforma agrária que o Presidente Eduardo Frei havia programado para seu país.

Inúmeros documentos foram escritos então por nós que trabalhávamos no ICIRA, procurando definir os contornos de um processo educacional novo, inspirados - muitos deles - no pensamento de Paulo Freire.

Cito trecho de um de meus estudos, publicados nessa época: _

"Neste sentido a capacitação, entendida como comunicação social de cultura, surge claramente como um processo "ideológico"..."

"Busca-se, desta forma, uma "ideologia", a partir do que é, ou uma ciência do que deve ser..."

"Assim, ao propor uma ideologia, como via melhor, de humanização, o educador deve ter claro uma visão da nova sociedade, não para doá-la ao camponês, e sim para desafiá-lo em sua criatividade cultural própria".

Atuávamos, nessa época em "círculos de cultura", com trabalhadores do campo. Chegou a nosso conhecimento a observação de um dos participantes desses círculos. Chamado a responder, pela coordenadora o que era, no quadro em discussão, "mundo" e o que era "cultura" um campones manifestou, com segurança, as distinções entre o que era no quadro expressão das duas categorias. _ "E se não existisse o homem"?



indagou a coordenadora. *"tampouco existiria o mundo"* porque faltaria quem dissesse *"isso é o mundo"*.

Paulo Freire, entusiasmado, identificou na resposta *"a consciência do mundo"*.

Mas não terminaram aí meus vínculos educacionais com Paulo Freire. Dele recebi, de presente, o livro de Guimarães Rosa - "Grande Sertão Veredas", cuja leitura - atenta e renovada - tanto me impressionou que cheguei a escrever um livro sobre o "Grande Sertão"; fiz questão de afirmar na Introdução: *"Devo a sugestão da primeira leitura (do "Grande Sertão") ao prof. Paulo Freire"*.

Detalhe significativo: o exemplar que me fora dado havia sido por ele lido na prisão e no exílio, e trazia duas inscrições: "Olinda - Prisão e Saudade. Desespero Não. Setembro de 1964. E a outra: "La Paz - Exílio - Saudade; desespero não. Outubro de 64.

O livro que guardo como relíquia, traz a assinatura de mais de 50 exilados, alguns dos quais foram seus companheiros de prisão.

Devo mencionar que essa minha leitura inicial do livro de Guimarães Rosa, foi feita à luz de algumas categorias teóricas de Paulo Freire. Cito um trecho de "O diálogo no Grande Sertão Veredas".:-

"Assim, minha primeira atitude, frente ao Grande Sertão, foi a de quem havia encontrado um imenso filão para o estudo da cultura de uma parcela da população brasileira. E Rosa surgia, aí, como uma espécie de pesquisador, genial e metódico, que teria baseado sua obra em prévio e amplo estudo empírico".

Posteriormente, fui levado a matizar essas afirmações:

"... Contatos posteriores com amigos de Guimarães Rosa e estudiosos de sua obra reduziram essa primeira impressão a proporções mais realistas: no Grande Sertão há mais do poder criador de Rosa, que de investigação científica".

Mas, tocado, cada vez mais, pela leitura do Grande Sertão, passei a fichar o livro de acordo com aquelas categorias que discutira com Paulo Freire, no Chile: A consciência de si, do outro e do mundo, em Riobaldo. E mais a utopia e a contra-utopia, no Grande Sertão.

Como está dito no livro que venho citando:-

"...a "ficha da descoberta" que longamente comentada com Paulo Freire, deu motivo a este trabalho, é a que transcreveu o que diz Riobaldo, à pag. 96 do Grande Sertão (3a ed. Liv. José Olímpio Editora, 1963).

Na verdade, essa "ficha da descoberta", elogiada por Paulo Freire, constitui um dos textos lapidares de Rosa que, descodificado, permite encontrar todas as características essenciais do diálogo:

"O senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz e então me ajuda".

O mecanismo e o objetivo do diálogo estão magistralmente contidos nesse texto. Se o amor é, em suma, uma emigração de si em favor de outro, pode-se dizer que ele está presente nas expressões transcritas, apresentando o diálogo como uma vitória contra o egoísmo, ou como interesse de ajudar o outro - *"e então me ajuda"*.

Por outro lado, o "ouvir" supõe a humildade de reconhecer que o outro pode estar dizendo coisas importantes, mesmo que não sejam eruditas. Já o "pensar e repensar" é uma reflexão sobre a palavra do outro, à luz da cultura do interlocutor. E quando o interlocutor "rediz" isso já implica numa síntese das culturas dos dois sujeitos do diálogo.

Felizmente, meus encontros com Paulo Freire foram sempre dialógicos e neles eu sempre estive mais preocupado em ouvir, pensar e repensar. E quando pude "redizer" eu o fiz na esperança de contribuir, nos meus limites, para o desdobrar das concepções novas do magistral criador da "Educação como Prática da Liberdade".

